

CURRÍCULO WALDORF E A "TRIMEMBRAÇÃO SOCIAL"

Joyce Lucerna Amaral* e Marlucy Alves Paraíso

**Bolsista FAPEMIG*

RESUMO: A Pedagogia Waldorf, que teve a sua origem após a primeira guerra mundial na Alemanha, está presente atualmente em diferentes países dos cinco continentes. Seu fundador, o filósofo e educador Rudolf Steiner, tinha uma compreensão peculiar em relação ao “ser humano” e ao social. Defendia que era necessário reestruturar a sociedade, e para isso criou a teoria da “trimembração do organismo social”. Essa reorganização se distinguiria em três esferas vitais: a espiritual-cultural, a jurídico-política e a econômica. Rudolf Steiner associou características básicas por ele consideradas indispensáveis para o funcionamento “harmônico do organismo social” aos ideais da Revolução Francesa, mas de um modo bem diferenciado. Sendo assim, para a área econômica, a “fraternidade” seria o principal atributo, pois há entre os indivíduos, necessidades variadas a serem supridas. Para o âmbito jurídico, no relacionamento entre as pessoas e as instituições, o enfoque seria a “igualdade” para todos/as. No campo cultural e individual, por sua vez, a “liberdade” seria a principal qualidade. Essa teoria, apresentada em linhas gerais, é uma das bases da Pedagogia Waldorf e do seu currículo, e é isso que este texto pretende explorar. O objetivo do presente estudo, portanto, é compreender a relação entre os elementos da teoria da trimembração social e o currículo escolar Waldorf. Para isso, traz um recorte de uma pesquisa em andamento que está investigando os modos de subjetivação do currículo Waldorf na visão de egressos dessa pedagogia. Para este capítulo foi usado como metodologia, a pesquisa bibliográfica sobre a teoria da Trimembração de Rudolf Steiner registrada em vários livros do autor e a análise documental do currículo formal Waldorf prescrito para as escolas Waldorf no Brasil. Com resultados parciais da investigação em curso, este trabalho mostra que essa teoria da Trimembração, está ancorada na Antroposofia, uma ciência concebida por Steiner e assim nomeada por ele, que propõe uma forma livre e responsável de pensar, sentir e agir no mundo. Essa linha de pensamento analisa o ser humano além do material e o concebe como uma unidade harmônica físico-anímico-espiritual. O currículo Waldorf foi estruturado segundo a noção antroposófica de “desenvolvimento humano” alinhado ao “aprendizado” considerado necessário em “cada fase evolutiva”. Este capítulo mostra também que o currículo é planejado em setênios, de modo a que: o primeiro setênio favoreceria a questão da liberdade, por meio de um brincar livre e significativo na infância; o segundo setênio, a vivência da autoridade com o/a mesmo/a docente por oito anos, auxiliaria na noção da igualdade, pela experiência entre os pares da turma nesse período. No terceiro setênio, por sua vez, se proporia a conhecer de perto a realidade social e os problemas da humanidade, favorecendo, desse modo, a fraternidade na vida econômica futura. Esses aspectos, que foram preconizados por Steiner, seriam como um alicerce educacional favorável à concretização da trimembração social. Conclui-se, assim, que a teoria da Trimembração social foi uma grande inspiração para o currículo Waldorf em ação nas escolas Waldorf.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf, Currículo Waldorf, Trimembração social

INTRODUÇÃO

Após a Primeira Guerra Mundial, em 1919, estando a Europa com muitos problemas nas esferas política, social e econômica, Rudolf Steiner, educador e filósofo da época, assim como outras pessoas naquele momento, estava preocupado com os rumos da sociedade pós-guerra. A partir de diversos estudos e teorizações próprias, Steiner propõe alternativas para uma mudança na ordem social. Para isso, proferiu vários ciclos de palestras que deram origem aos livros: “O futuro social”¹, “Os pontos centrais da questão social”² e “A questão pedagógica como questão social”³ que divulgavam uma possível reestruturação da sociedade, por meio da teoria que ele mesmo criou, denominada “Trimembração do Organismo Social”.

Essa trimembração, para Steiner (2011), em linhas gerais, alcançaria três grandes âmbitos da vida social, que inspirados nos ideais da Revolução Francesa, deveriam ser reorganizados – tendo cada qual certa autonomia de ação, mas manter-se sempre interligados. Logo, no *âmbito econômico*, a sociedade deveria ter como base a *fraternidade*. No *aspecto jurídico*, que organiza as relações interpessoais, seria preciso ter *igualdade*. No *campo cultural*, onde se tem a educação, a arte, as religiões, entre outros, deveria realizar a *liberdade* (STEINER, 2011, p. 75). Steiner (2019) reconhece que a reorganização da sociedade é uma tarefa difícil por se tratar de reivindicações históricas intensas, que podem ser somadas a outras demandas sociais.

Foi a partir dessa noção de “desenvolvimento social”, no entanto, que surgiu a primeira escola Waldorf. Interessado na teoria de Steiner, Emil Molt, proprietário de uma fábrica de cigarros alemã Waldorf-Astoria, era um dos participantes do movimento de Steiner. Em sua empresa os operários, durante o horário de trabalho, assistiam às aulas para formação de adultos e ouviam palestras de Steiner sobre os problemas da sociedade de então (CASTRO, 2010). Entretanto, como os funcionários desejavam que seus filhos tivessem acesso a uma formação mais humana – já que eles próprios não tiveram essa oportunidade na infância – nasceu assim o estímulo para a primeira Escola Waldorf Livre. Com o nome originado da própria empresa, Emil Molt atendeu ao

¹ STEINER, R. O futuro social. São Paulo: Editora Antroposófica, 1986.

² STEINER, R. Os pontos centrais da questão social: aspectos econômicos, político-jurídico e espirituais da vida em sociedade. São Paulo: Editora Antroposófica, 2011.

³ STEINER, R. A questão pedagógica como questão social: os fundamentos sociais, histórico-culturais e espirituais da pedagogia das escolas Waldorf. São Paulo: Editora Antroposófica, 2019.

pedido dos funcionários e pediu a Rudolf Steiner que assumisse a direção pedagógica da escola. Steiner viu a oportunidade de, por meio dessa escola, imprimir um impulso novo pelo menos ao âmbito da vida cultural, ou seja, “que pudesse representar uma espécie de célula germinativa de uma vida cultural livre” (STEINER, 1985, p. 10). Isto porque seria uma escola autogerida e independente do Estado: “uma escola para todos: filhos dos operários e de outras classes sociais; uma escola com 12 séries, sem repetência e exclusão, para meninos e meninas, e sem o mortífero esfacelamento em grades curriculares de aulas de 45 minutos de duração!” (CASTRO, 2010). Por essas características, a fundação da Escola Waldorf foi considerada “revolucionária” já na sua origem (SETZER, 2014).

No Brasil, a primeira escola Waldorf foi criada em 1956, há 66 anos, por imigrantes alemães em São Paulo e, desde então, tem se ampliado a cada ano em várias partes do país. Segundo Romanelli (2008), como a educação, no ideal da trimembração social, pertence à esfera da liberdade, as escolas Waldorf são criadas por comunidades que as aspiram. Nesse caso, elas não têm um dono, sendo escolas associativas e criadas com o objetivo de “educar para a liberdade, igualdade e fraternidade” (ROMANELLI, 2008, p. 32).

Steiner (2019) considerava que a educação pode promover os três aspectos da trimembração social por meio de um currículo que favoreça o desenvolvimento do/a estudante em cada fase da vida. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo compreender a relação entre os elementos da teoria da trimembração social e o currículo escolar Waldorf. Para isso, utilizei como metodologia a pesquisa bibliográfica acerca da teoria da Trimembração de Rudolf Steiner registrada em vários livros do autor e a análise documental do currículo formal Waldorf prescrito para as escolas Waldorf no Brasil.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Rudolf Steiner e a trimembração do organismo social

Rudolf Steiner era formado em Ciências Exatas e foi convidado a trabalhar no Arquivo Goethe-Schiller, na Alemanha, desenvolvendo a partir daí um grande interesse pela Filosofia e Literatura (SALLES, 2010, p.12). Fez doutorado na área da Filosofia e

se dedicou ao trabalho como escritor e conferencista como forma de divulgar suas ideias e pesquisas filosófico-espirituais, na Sociedade Antroposófica por ele fundada (SALLES, 2010). Essa organização tinha como base a Antroposofia (do grego *antropos* homem e *sophia* sabedoria) denominada por Steiner como uma ciência que continha toda a sua linha de pensamento. Os fundamentos antroposóficos encontram-se nas obras escritas e publicadas por Rudolf Steiner entre 1861 e 1925. Além de numerosas conferências e cursos ministrados por ele e publicados entre 1900-1924. A Antroposofia teve grandes influências na Pedagogia, nas Artes, na Agricultura, na Medicina, na Arquitetura e na Psicologia, com princípios adotados em várias instituições de diferentes partes do mundo (SALLES, 2010).

Steiner se envolveu nos acontecimentos políticos e sociais da Europa Central entre 1917 e 1922. Alertou para os descuidos do mundo burguês, e apresentou caminhos para uma reestruturação social (HAHN, 2007), com a esperança de que as classes dominantes revissem sua interpretação dos sintomas sociais que bem antes, anunciavam a trágica primeira guerra mundial, que atingiu uma violência jamais vista. De acordo com Hahn (2007), Steiner encaminhou memorandos, redigiu um manifesto assinado por mais de 200 personalidades na época, encontrou-se com dirigentes, proferiu inúmeras palestras e buscou colocar em prática a sua teoria da Trimembração social.

No final do século XVIII, segundo Steiner (2011), houve um clamor na natureza humana por uma reestruturação social, sob o lema liberdade, igualdade e fraternidade. Esses eram os ideais da Revolução Francesa, que aconteceu na França entre 1789 e 1799, sendo considerada como a única revolução social de massa que teve seus ideais repercutidos pelo mundo todo, provocando enormes transformações nos contextos político, social e econômico (HOBBSAWN, 2002). Sob o comando da burguesia, ela foi motivada pela insatisfação desses com os privilégios da aristocracia francesa e pela insatisfação do povo que levava uma vida marcada pela pobreza e pela fome. Esse acontecimento abriu caminho para o republicanismo na Europa e para a democracia representativa.

A Revolução Francesa, de acordo com Lima (2013), instaurou um novo conjunto de ideias democráticas, e nela teve início o processo de universalização dos direitos sociais e das liberdades individuais, previstos na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Esse documento “de inspiração Iluminista, proclama o direito à liberdade, à igualdade perante a lei e a inviolabilidade da propriedade, assim como o direito de

resistir à opressão” (LIMA, 2013, p. 3). Hobsbawn (2002, p. 30) aponta que o objetivo era libertar o indivíduo do “tradicionalismo ignorante da Idade Média”, e igualar os homens que até então eram divididos em “hierarquia de patentes mais baixas e mais altas de acordo com o nascimento ou algum outro critério irrelevante” (HOBSBAWN, 2002, p. 30). Em seguida, foi acrescentado o lema fraternidade de todos os homens, tornando estes três o slogan da Revolução francesa (HOBSBAWN, 2002).

De acordo com Steiner (2011) alguns estudiosos do século XIX consideraram impraticável a realização dos ideais da Revolução Francesa numa sociedade uniforme, considerando, por exemplo, uma contradição, “fazer jus ao impulso da liberdade [...] quando o impulso da igualdade se concretiza” (STEINER, 2011, p. 74). Entretanto, Steiner (2011) afirma que esses três ideais podem coexistir, se organizados de outro modo, a partir da Trimembração do organismo social. Assim, Steiner (2011) relaciona esses ideais aos três campos de atuação social apresentados:

- *Liberdade na vida espiritual e cultural.* A vida espiritual, cultural e educacional não deveria sofrer nenhuma ingerência nem das áreas jurídico-política, nem da econômica. As instituições de ensino deveriam ser administradas pelas respectivas comunidades educacionais e científicas. As escolas e as universidades poderiam ser financiadas por doações assim como parte do sistema econômico poderia fazer contribuições fixadas por lei. No entanto, os professores com a cooperação dos alunos e da comunidade, formariam corporações livres que deliberariam de forma autônoma e independente em todas as questões referentes aos currículos, método de ensino e estruturação global do trabalho. A mesma liberdade seria também para a vida religiosa, artística e mídia, segundo apontam Carlgren e Klingborg (2006).

- *Igualdade democrática na vida jurídico-política.* Todas as pessoas deveriam ter direitos e deveres iguais. A democracia deve ser a base ideal da constituição das instituições do Estado. Considerando esse aspecto relacionado à educação, todo cidadão deve ter direito a uma educação básica completa, independente de classe social, religião, gênero, raça (SALLES, 2010).

- *Fraternidade social na vida econômica.* O setor de produção, distribuição e consumo de bens, que tem a ver com a satisfação de necessidades, físicas e não-físicas, que Steiner (2011) denominou de “vida econômica” deve ter como base a fraternidade. Essa produção deveria atender àquilo que é realmente necessário, sem induzir necessidades, sem desperdício (SALLES, 2010). Assim, a economia deveria levar em conta todos os

seus impactos sociais e ambientais e os interesses das empresas não poderiam atentar contra os interesses públicos.

Na análise de Steiner (2011), no início do século XX, a vida econômica se inseriu de forma poderosa e unilateral na vida humana e, as demais instâncias não ocuparam seu espaço, como deveriam, no organismo social. Para que haja uma mudança, segundo Steiner (2011), será necessário reestruturar a vida social com base na sensibilidade apresentada, tendo cada pessoa “sua tarefa social no presente e no futuro próximo” (STEINER, 2011, p. 57). Steiner (2011) diz não se tratar de promover ideais, mas sim “entendermos profundamente as leis que ancoram a nossa realidade”, pois elas nos “descrevem não só as condições sob as quais a cooperação se torna mais frutífera, os acordos mais sustentáveis e o atendimento de necessidades mais satisfatório” (LINDENAU, 1991, p. 35), como também nos mostram sob quais condições a cooperação pode diminuir entre as pessoas (LINDENAU, 1991).

Steiner (2019) percebe, desse modo, a complexidade da questão social e a considera “algo muito mais complicado do que normalmente se pensa” (STEINER, 2019, p. 17). A sociedade é considerada um “organismo vivo”, e deveria se organizar: “o socialismo para a vida econômica, a democracia para a vida jurídica ou estatal, a liberdade ou individualismo para a vida espiritual” (STEINER, 2019, p. 20).

Com isso, Steiner (2011) considerou a fundação da Escola Waldorf como a única área onde os princípios da Trimembração social haviam sido realizados, pelo menos sob o ponto de vista da liberdade cultural, ou seja, “liberdade em matéria de ensino, sem intromissão do governo ou de interesses econômicos” (LANZ, 2016, p. 190). Para Steiner (2019) a questão social era uma questão pedagógica. Por isso, ele introduziu as noções da trimembração no currículo da pedagogia Waldorf como apresentado a seguir.

O currículo Waldorf

As escolas Waldorf possuem um currículo meticulosamente pensado e implementado para conseguir proporcionar às crianças e jovens uma educação que busca “formar sujeitos livres e autônomos para colocar em ação a trimembração do Organismo Social”, conforme definida e almejada por Rudolf Steiner (cf. MORAES, 2019). Os princípios curriculares da Pedagogia Waldorf foram estruturados segundo

princípios antroposóficos do “desenvolvimento humano” (LANZ, 2016). Assim, a perspectiva de Steiner fundamenta o que é feito nas escolas Waldorf, tanto na ação pedagógica quanto na sua organização institucional de autogestão colegiada e interação sócio-comunitária (FEW, 1998).

O currículo apresenta, assim, características muito peculiares, incluindo disciplinas diferenciadas, quando comparado ao currículo das escolas convencionais e até mesmo a outras escolas consideradas “alternativas”, conforme mostram Bach Júnior e Guerra (2018). Tem-se no currículo Waldorf disciplinas, tais como: “Astronomia, Eúritmia, Terapia artística, Música instrumental, Canto coral, Tricô e crochê, Tear, Jardinagem, Horta, Artesanato, Marcenaria, Aquarela, Desenho de formas, Poesia, entre outras” (cf. BACH JUNIOR; GUERRA, 2018, p. 873). Existe no currículo um fio condutor embasado no “desenvolvimento físico, anímico e espiritual”, visando uma “personalidade livre e criativa, integrada com seu meio social”, “corresponsável”, “orientada para a convivência sadia e respeitosa com o outro” (cf. COSTA, 2017, p. 87).

As orientações de Rudolf Steiner foram agrupadas por E. Karl Stockmeyer, que conviveu por anos com Steiner e coletou diversas indicações individuais que ele fez, numa obra importante para os/as professores/as Waldorf: “Currículo de Rudolf Steiner para as escolas Waldorf”. Stockmeyer (1988) afirma que “as indicações de Rudolf Steiner são sempre dinâmicas, sempre deixam um espaço livre para o professor e o convida a encontrar por si mesmo o caminho” (STOCKMEYER, 1988, p. 9). Atualmente, o livro de Stockmeyer (1988) é uma das obras mais importantes que norteiam o currículo das escolas Waldorf no Brasil.

Apesar das orientações de Steiner, o currículo é de “estruturação e adaptação livre” para cada contexto escolar (BACH JUNIOR, GUERRA, 2018, p. 38). Stockmeyer (1988, p. 8) faz um alerta sobre o currículo Waldorf ao afirmar que não se trata de “conservar como um dogma a estrutura apresentada nos anos de 1919 a 1924”, nem tampouco alterar o currículo “sem mais nem menos porque hoje em dia as crianças têm aptidões diferentes”. Isso, para o autor, seria um equívoco de interpretação dos ensinamentos de Rudolf Steiner, que deixou claro que “esse impulso pedagógico é uma tarefa educacional de um longo período na história” (STEINER, 2014, p. 66). Desse modo, uma das tarefas dos/as educadores/as Waldorf, então, seria o de discernir o que do currículo prescrito é importante manter para os fins que a pedagogia se propõe.

A pedagogia Waldorf tem como característica singular a análise do desenvolvimento humano. O indivíduo é visto de forma holística: corpo, alma e espírito. Steiner (2011) considera que o ser humano tem uma dimensão trimembrada composta pelos seguintes sistemas: *sistema neurosensorial* – que engloba e centraliza as funções neurais e dos órgãos do sentido, considerado “*organismo cabeça*” (STEINER, 2011, p. 52, grifo do autor); *sistema rítmico* – que é formado pela respiração, circulação sanguínea, coração –; e *sistema metabólico* – que é composto pelos demais órgãos e membros do corpo. A esses sistemas, para Steiner (2011), estão respectivamente relacionados o *pensar*, o *sentir* e o *querer* e, ao desenvolvê-los de forma sincronizada, se “mantém o processo global do organismo humano, de maneira saudável” (STEINER, 2011, p. 52).

Para o autor um *pensar*, um *sentir* e um *querer* saudáveis com relação à questão social, só podem se desenvolver assim quando há clareza de que o próprio organismo social também é trimembrado, tal qual o organismo humano (STEINER, 2011). Temos assim uma pedagogia que objetiva então relacionar o desenvolvimento do indivíduo com o desenvolvimento social, ambos numa perspectiva holística, sendo o currículo Waldorf originário desse pensamento.

Segundo Lanz (2016) o *querer*, ação da vontade, tem relação com o sistema metabólico e motor; o *sentir*, sensações que se situam entre o pensar e o querer, tem relação com o sistema rítmico respiratório e circulatório, e o *pensar*, relativo ao intelecto, raciocínio e memória, se relaciona com o sistema neurosensorial. Cada uma dessas capacidades, segundo Lanz (2016) apesar de interligadas, tem características preponderantes. Assim, de acordo com Lanz (2016), essas três capacidades se desenvolvem de forma diferente em cada período da vida, de 7 em 7 anos.

No primeiro setênio, até 7 anos de idade, em média, tem-se como enfoque nos currículos de escolas Waldorf o desenvolvimento do *querer* (cf. LANZ, 2016). Há um domínio do movimento corporal, do brincar livre, como algo vital para essa faixa etária. Considera-se que nessa fase há na criança “um impulso em conquistar o mundo por intermédio da vontade” (LANZ, 2016, p. 44). Ela aprende pela imitação, internalizando o que está ao seu entorno. “Para a criança imitação é tão importante quanto a respiração. A criança inspira as impressões sensoriais, e a imitação segue como a expiração” (CARLGREN; KLINGBORG, 2006, p. 25). Desse modo, espera-se que sentimentos de

gratidão e atitudes amorosas sejam imitados para que “no futuro a criança se torne um cidadão sem dificuldades nas suas relações sociais” (CRAEMER, 2011, p. 22).

Nesse sentido, “se não se implantar a força da imitação condizente na infância, as pessoas não se tornarão seres livres [...]. Porque somente pode constituir base para a liberdade social o que foi implantado na infância dessa maneira.” (STEINER, 2019, p. 22). Assim, no jardim de infância, a sala de aula é um ambiente acolhedor e aconchegante. Sua estética imita o espaço de uma casa com brinquedos rústicos feitos com materiais naturais. Ainda não se apresentam letras ou números, mas aquarela, trabalhos manuais, jardinagem, modelagem, roda rítmica, histórias, preparação do pão... Além do brincar que ocorre dentro de sala, há um brincar livre fora de sala, no pátio, na natureza.

O segundo setênio, de 7 a 14 anos, tem como enfoque, nos currículos das escolas Waldorf, o desenvolvimento do *sentir*. Há um predomínio da vida sentimental. Nesse momento inicia-se a alfabetização, de forma lúdica, respeitando o ritmo individual dos/as alunos/as. A aprendizagem efetiva ocorre por meio de vivências significativas dos variados conteúdos que estão alinhados no currículo. O processo de avaliação, que começa nesse período, é feito de forma gradativa e qualitativa, sem dar notas. Estimula-se os/as alunos/as a refletirem sobre os seus erros e acertos. São “considerados o esforço do aluno para alcançar o resultado, o seu comportamento e o seu espírito social” (BACH JUNIOR; GUERRA, 2018, p. 863). A arte é um grande aliado do ensino, já que trabalha a sensibilidade necessária para a formação do/a jovem que passa por um período de profundas transformações. Nas palavras de LANZ (2016) “ Emoções e vivências devem acompanhar o ensino de todas as matérias, [...] e todo o ensino deve ser uma obra de arte” (LANZ, 2016, p. 50).

Nas Escolas Waldorf, o/a professor/a regente acompanha as mesmas crianças do primeiro ao oitavo ano, preferencialmente. Outros/as professores/as especialistas de Educação Física, Inglês, Alemão, Trabalhos manuais, entre outros, também ministram aulas nessas turmas, mas a aula conhecida como principal é cumprida diariamente nas duas primeiras horas da manhã pelo/a chamado/a “professor/a de classe”. Assim, esse/a docente tem a oportunidade de conhecer profundamente as crianças e de realizar um acompanhamento ao longo do tempo, com foco nas necessidades de cada uma delas, permitindo que desenvolvam tudo aquilo que são realmente capazes.

Segundo Craemer (2011), o mundo fala à criança principalmente por meio dos sentimentos dos/as professores/as e dos pais e das mães, por serem para elas referências vivas e amadas. O senso de autoridade é adquirido por elas nesse setênio. Ter o/a docente como autoridade amada, faz dos/as alunos/as iguais perante o/a professor/a. Para Steiner (2019) esse “deve constituir o fundamento para aquilo que os adultos devem vivenciar como a igualdade de direitos dos seres humanos no organismo social” (STEINER, 2019, p. 23).

O terceiro setênio, de 14 a 21 anos, nos currículos das escolas Waldorf tem como predominante o desenvolvimento do *pensar*. Os raciocínios lógico, analítico e sintético são explorados. “Um pensar dirigido por um querer sereno, um querer dominado por um discernimento inteligente, tudo isso permeado por sentimentos fortes, mas não egoístas: eis o ideal que o educador deveria almejar” (LANZ, 2016, p. 60).

O/a jovem nesse período está desenvolvendo uma força de amor humano universal. O florescimento da vida amorosa sexual é “somente um caso específico do amor humano geral” (STEINER, 2019, p. 24). Este é o tempo propício para o/a jovem conhecer a realidade social e os problemas angustiantes da humanidade não só na teoria, mas por uma participação ativa e amorosa. Segundo Steiner (2019) “a fraternidade na vida econômica somente estará nas almas humanas da maneira como deve ser almejada para o futuro, se a educação após os 15 anos de idade for estruturada [...] com base no amor humano, no amor pelo mundo exterior em geral” (STEINER, 2019, p. 25).

Desse modo, o/a aluno/a busca o seu propósito de vida. Lanz (1997) explica como a educação pode contribuir de forma que “ao invés de sair da escola com a cabeça cheia de informações e com o coração cheio de tédio”, o/a jovem “deve ser formado no sentido de desejar, com todas as fibras de sua personalidade, dar uma contribuição para o progresso do mundo” (LANZ, 1997, p. 50).

Do mesmo modo, Setzer (1998) afirma que o ser humano não é um ser unidimensional “antes de tudo, o sadio desenvolvimento do corpo e da alma é a condição prévia para que a individualidade espiritual possa atuar no mundo” (SETZER, 1998). Nesse sentido, “mãos, coração e cabeça tem igual importância no desenvolvimento do ser humano” (SETZER, 1998, p. 3). Isso explica a importância que os currículos das escolas de Pedagogia Waldorf atribuem, quase de forma igualitária, à dimensão física, emocional e cognitiva. Ao compreender o desenvolvimento humano, com base nos três primeiros setênios, estabelece-se que “todo aprendizado deve dirigir-

se primeiramente, à vontade, e depois ao sentimento, para só no fim chegar ao intelecto, mediante a elaboração de conceitos” (LANZ, 2016, p. 46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria da Trimembração do organismo social está ancorada na Antroposofia, ciência concebida por Steiner e assim nomeada por ele, que propõe uma forma livre e responsável de pensar, sentir e agir no mundo. O currículo Waldorf que também foi estruturado sob princípios antroposóficos, concebe o ser humano como uma unidade harmônica físico-anímico-espiritual e, por isso, pode favorecer a formação de sujeitos que concretizem os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.

A noção antroposófica de desenvolvimento humano e social considera o aprendizado necessário em cada fase evolutiva. Assim, o currículo é planejado em setênios. Sendo que o primeiro setênio favoreceria a questão da liberdade, por meio de um brincar livre e significativo na infância. No segundo setênio, a vivência da autoridade com o/a mesmo/a docente por oito anos, auxiliaria na noção da igualdade, pela experiência entre os pares da turma nesse período. No terceiro setênio, a proposta é conhecer de perto a realidade social e os problemas da humanidade favorecendo o desenvolvimento de um amor humano universal e desse modo, segundo Steiner, isto levaria à fraternidade na vida econômica no futuro.

O desenvolvimento do ser como corpo, alma e espírito: do *querer*, do *sentir* e do *pensar* em consonância com a “imitação”, com o “senso de autoridade” e com o “amor fraterno” que favorecem a liberdade cultural, a justiça jurídica e a fraternidade econômica, respectivamente, estão contemplados no currículo Waldorf de forma entrelaçada e seria, segundo Steiner, um alicerce educacional favorável a concretização da trimembração social.

Interessante observar que essa proposta pedagógica considera o organismo social como algo vivo assim como o corpo humano. Ambos são, para Rudolf Steiner, compostos de três membros que se inter-relacionam. Pelo exposto, é possível dizer que a pedagogia Waldorf e o seu currículo, responderam às necessidades educacionais de uma Europa pós-guerra e, como defende Setzer (1998, p. 3), “continua a atender às demandas educacionais do tempo presente”, visto que cada vez mais, está se

expandindo no mundo e, a exemplo do Brasil, houve um aumento de mais de 200% no número de escolas na última década⁴.

Por fim, cabe registrar que a teoria da Trimembração do organismo social que foi uma grande inspiração para o currículo Waldorf, continua fazendo com que as escolas Waldorf, permaneçam fazendo com que essas escolas tenham um fio condutor claro e bastante relacionado ao social. Resta ainda saber como esses ideais da trimembração social se apresentam nos modos de vida dos/as egressos/as das escolas Waldorf que vivenciaram esse currículo. Trata-se de uma lacuna importante nos estudos sobre as pedagogias Waldorf no Brasil que necessitamos somar esforços para investigar e averiguar.

REFERÊNCIAS

BACH JUNIOR, Jonas; GUERRA, Melanie Gesa Mangels. O currículo da Pedagogia Waldorf e o desafio da sua atualização. Revista e-Curriculum, (PUCSP), v. 16, p. 857-878, 2018.

CARLGREN, Frans.; KLINGBORG, Arne. Educação para a liberdade: a pedagogia de Rudolf Steiner. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006.

CASTRO, Maria José Martins Gomes de. Pedagogia Waldorf: uma educação baseada no diálogo, afeto e arte. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pós-Graduação no Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2010.

COSTA, Elaine Marasca Garcia da. Saúde na educação: indícios de congruências entre Salutogênese e Pedagogia Waldorf. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2017.

CRAEMER, Ute (Org.) Currículo social na escola: a necessidade do nosso tempo: propostas, sugestões e experiências no Brasil e no exterior. São Paulo: Antroposófica, 2011.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF NO BRASIL (FEWB). Texto elaborado pela Federação das Escolas Waldorf, dezembro de 1998 Fontes, históricos e princípios da pedagogia Waldorf <http://www.sab.org.br/fewb/pw1.htm> Acesso 15/03/2020.

HAHN, Herbert. O nascimento da Escola Waldorf a partir dos impulsos da trimembração social. Tradução: Rudolf Wiedemann. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2007.

⁴ Dados da Federação das escolas Waldorf. <http://www.fewb.org.br/dados.html> Acesso em agosto de 2020.

HOBBSAWM, Eric. A Era das Revoluções: Europa 1789-1848. Tradução de Maria Tereza Lopes e Marcos Penchel. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LANZ, Rudolf. A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano. 12 ed. São Paulo: Antroposófica, 2016.

LANZ, Rudolf. 1997. Noções básicas de Antroposofia. 4ª ed. rev. São Paulo: Antroposófica, 1997.

LIMA, Niédja Maria Ferreira de. A Revolução Francesa e as repercussões na educação de surdos. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 7., 2013, Cuiabá. Anais... Cuiabá: SBHE/UFMT, 2013. Disponível em: <Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/04-%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO%20DAS%20CRIANCAS-%20JOVENS%20E%20ADULTOS%20NO%20BRASIL/A%20REVOLUCAO%20FRANCA%20E%20AS%20REPERCUSSOES%20NA%20EDUCACAO%20DE%20SURDOS.pdf>>. Acesso em: 1º janeiro. 2021. [Links]

LINDENAU, Christof. As forças germinadoras da trimembração social e o seu cultivo. Tradução Christian Julius Folz. 4 ed. Bad Liebenzell: Verein für ein Erweitertes Heilwesen. 1991.

MORAES, Wesley Aragão de. Trimembração social, sociedade orgânica: Transcendendo direita e esquerda. São Paulo: Barany Editora, 2019.

ROMANELLI, Rosely Aparecida. Pedagogia Waldorf: um breve histórico. Revista da Faculdade de Educação (UNEMAT), Cárceres-MT, Ano VI, n. 10, p.145-169, jul./dez. 2008. Disponível em: Acesso em: 13 abril. 2020.

SALLES, Rubens. Formação continuada com base na Pedagogia Waldorf: Contribuições do Projeto Dom da Palavra. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2010.

SETZER, Valdemar. A Pedagogia Waldorf. 1998. Disponível em: <http://www.antroposofy.com.br/forum/a-pedagogia-waldorf/>. Acesso em 15 abril 2020.

SETZER, Valdemar. O que é Antroposofia. 2014. Disponível em: <http://www.sab.org.br/antrop:-> Acesso em 21 set. 2021.

STEINER, Rudolf. A arte da educação I. O estudo geral do homem, uma base para a pedagogia. São Paulo: Antroposófica, 1995.

STEINER, Rudolf. A cultura atual e a Educação Waldorf. São Paulo: Antroposófica, 2014.

STEINER, Rudolf. Os pontos centrais da questão social: aspectos econômicos, político-jurídico e espirituais da vida em sociedade. São Paulo: Editora Antroposófica, 2011.

STEINER, Rudolf. A questão pedagógica como questão social: os fundamentos sociais, histórico-culturais e espirituais da pedagogia das escolas Waldorf. São Paulo: Editora Antroposófica, 2019. (Original: 1919)

STOCKMEYER, E. A. Karl. O programa de Rudolf Steiner para escolas Waldorf. Tradução de Sérgio G. Corrêa. São Paulo, 1988.